

A importância da obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis: um libelo contra a escravidão em forma de romance

RESUMO

Angela Maria Rubel Fanini
E-mail: rubel@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil
Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Paraná, Brasil

João Carlos dos Passos
E-mail: joaoypassos@yahoo.com.br
Secretaria do Estado do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Neste artigo analisamos o romance *Úrsula*, de autoria feminina, Maria Firmina dos Reis, escrito em meados do século XIX, sob o enfoque da análise do discurso, embasada nas obras de Mikhail Bakhtin e o Círculo russo, atendo-nos à investigação contextual e formal. A escritora, em decorrência do meio patriarcal em que viveu, foi reconhecida somente no século XX. Sua obra é o primeiro romance abolicionista no Brasil. O romance é importante documento de época, trazendo, a partir da formalização estética, o cotidiano de homens e mulheres escravizados, vivendo em fazendas e casas de seus proprietários no Brasil oitocentista, estado do Maranhão. A composição do romance é bastante simples no que concerne à elaboração das personagens. As vozes que surgem das situações narrativas se descolam da ação e se veiculam como falas didáticas cujo intuito é a crítica ao cativo. Todas as vozes se assemelham em temática e forma, reduplicando-se. O contexto narrativo lhes dá certa autonomia desde que sirvam ao propósito de reforçar tal crítica. Todavia, o romance deve ser apreciado como um discurso crítico que se utiliza do gênero romanesco para atingir certa posição axiológica contra a escravidão. Essa função social em meio ao contexto escravista e escravocrata não pode ser menosprezada. A leitura do romance em tela se faz necessária em tempos presentes em que ainda persiste, no Brasil, a cultura escravocrata em detrimento da abolição do escravismo econômico e laboral e também por se constituir em importante obra feminina não reconhecida em sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Cultura afro-brasileira.; Maria Firmina dos Reis.

INTRODUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A ESCRITORA E O CONTEXTO LITERÁRIO E SOCIAL

Este artigo trata da importância do discurso literário como documento de época, relevando, a partir da formalização estética, o cotidiano de homens e mulheres escravizados, vivendo em fazendas e casas de seus proprietários no Brasil oitocentista. As lentes são da escritora Maria Firmina dos Reis, que ao se debruçar sobre o dia a dia da sociedade maranhense de início de oitocentos, fornece-nos um relato literário-romanesco da vida e da lida daqueles seres humanos trazidos da África para o Brasil a fim de serem escravizados. A escritora foi descoberta tardiamente no cenário nacional à medida que subiu ao palco das Letras de modo substantivo somente na década de sessenta do século XX. O romance *Úrsula*, considerado o primeiro registro literário feminino trata da questão escrava no Brasil, foi impresso no ano de 1859. Veio a lúmen no cenário nacional somente em 1962, por intermédio de Horácio de Almeida (1896-1983), advogado, membro fundador da Academia Paraibana de Letras e também presidente da Academia Carioca de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro. Após detalhadas pesquisas, descobriu o nome verdadeiro da autora (constava de obra de Sacramento Blake¹), uma vez que o livro estava assinado como “*Uma Maranhense*”. Em sua terra natal, Maranhão, a escritora foi reconhecida em vida como intelectual das Letras, mas não passou para a dimensão nacional em sua época. Essa ausência nos livros de História da Literatura de alcance nacional, muito provavelmente, deve-se ao fato de que o ambiente das Letras nacionais era marcadamente masculino e influenciado por uma cultura patriarcal que reservava esse universo aos escritores. A autora foi bastante atuante, exercendo a profissão docente e, segundo consta, responsável por implantar e dirigir uma instituição educacional de nível básico e médio em que o público discente era misto. Essa ação demonstra um ativismo atípico para a época em que o ensino misto não era adequado aos padrões morais. Escritora, negra e ativista da causa escravista, a autora, filha de mãe escrava alforriada e pai ilegítimo, nasceu no Maranhão, na Ilha São Luís em 1822. Aos cinco anos de idade, enfrentou o falecimento de sua mãe, tornando-se órfã e obrigando-se a se mudar para o município de Viamão, na vila de São José dos Guimarães. Foi acolhida pela tia materna, sendo essa o pilar que sustentou a perseverança e a força de vontade que Maria Firmina dos Reis tinha em transformar o mundo com os seus pensamentos e ações.

Estudou para formar-se professora e exerceu o magistério durante muitos anos. Nas classes médias do século XIX, a profissão de normalista era uma maneira de se conquistar certa autonomia financeira e pessoal para as mulheres desse estrato social. Segundo José Nascimento Moraes Filho (1975), biógrafo de Reis, a escritora venceu o concurso público *Cadeira de Instrução Primária*, na cidade de Guimarães, no Maranhão, aos seus 25 anos de idade. Filho (1975) afirma que a escritora fundou a primeira escola primária mista no início de 1880, na cidade de Maçaricó, o que causou grande alvoroço, forçando a educadora a se afastar de sua atividade como professora visto que a sociedade a estigmatizou por esse ato inusitado e fora dos padrões, como mencionamos anteriormente.

Firmina dos Reis publicou vários de seus contos, histórias, poesias, enigmas e até charadas em jornais literários da época, sendo uma cidadã intelectual, que se dedicou a apoiar movimentos voltados para a cultura, a ensinar, ler e escrever. Como frisamos, no cenário local ela se destacou, mas não alcançou o âmbito nacional como outros escritores de sua localidade o fizeram.

Com o intuito de estimular a escrita, de fomentar a leitura e o debate em torno dos textos, bem como de propagandear o nome das autoras, muitos jornais da época traziam em suas edições anúncios que ofereciam ao público as respectivas obras produzidas por elas, além de algumas críticas voltadas para um melhor entendimento desse novo universo literário, ainda que a maioria das publicações fosse bastante enxuta e sem um maior aprofundamento na análise. E foi justamente nesses periódicos que o nome da escritora maranhense passou a ser visto com maior frequência pelo conjunto da população. (ZIN, 2018, p. 20)

A capital de São Luís, no estado do Maranhão do Século XIX, recebeu o epíteto de Atenas Maranhense, devido aos intelectuais surgidos na época. Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), primo de Firmina, foi um grande educador, poeta, jornalista, político e gramático que teve seu lugar de destaque naquela sociedade. Foi um dos responsáveis por iniciar estudos sobre a literatura brasileira com intuito de oferecer à sociedade material didático sobre nossas letras. Suas obras têm sido pesquisadas e nelas não se encontra menção à obra de Firmina. Sua obra mais importante, orientada para a educação, compõe-se de cinco volumes de seu *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira* (1866), considerada como pilar do ensino da língua portuguesa em São Luís. A escritora aí não é citada. Desse modo, vemos que, mesmo havendo certo reconhecimento da capacidade artística da escritora visto que publicou sua obra em vida, não lhe foi dada visibilidade em obras referenciais que tratavam de informar sobre escritores representativos daquele momento.

Em 1917 acabou falecendo, aos seus noventa e dois anos, cega e pobre, no município de Guimarães – MA, e seus escritos infelizmente não atingiram publicidade nacional e devido a isso, sua biografia também apresenta muitas lacunas visto que, ao não se projetar nacionalmente, menos fortuna crítica se elaborou em torno da autora. Não há arquivos de que constem mais fatos de sua vida, ou seja, se teve uma vida matrimonial, herdeiros ou outros feitos.

A vida das mulheres no século XIX deve ser entendida sem se descurar da classe social a que pertenciam. Mulheres de estratos sociais de baixa renda geralmente exerciam o trabalho material, sendo cozinheiras, costureiras, amas de leite, serviçais, doceiras etc. Já as de classe média, beneficiavam-se de poder aceder a condições laborais menos exaustivas e melhor remuneradas, como por exemplo, a docência, o que é o caso de nossa escritora. O trabalho imaterial as instrumentalizava com certa autonomia intelectual o que as distinguiu socialmente. Já as de classe econômica alta tinham acesso a estudos mais avançados e a um maior leque de produtos culturais que lhes possibilitava certa autonomia. Entretanto, o universo patriarcal era bastante restritivo para praticamente todas as mulheres, impedindo-as de exercer livremente, por exemplo, a política, destinada ao mundo dos homens. Esse cenário se complica no caso de mulheres negras, aplicando-se à nossa autora. Em uma sociedade escravista do ponto de vista econômico legal e escravocrata do ponto de vista cultural, a mulher de origem afrodescendente sofria maior preconceito por parte da sociedade. Firmina, com certeza, foi uma resistente a esse cenário inóspito e tem sido resgatada e lida, no âmbito das Letras, sobretudo, a partir da década de 2000, no século XX, quando encontramos um maior número de artigos, dissertações e TCCs sobre sua biografia e obra. Esse resgate, provavelmente ocorre

em decorrência de que, nesse período até o presente momento, a militância negra tem se fortalecido no Brasil.² Essa nova perspectiva mantém uma ligação cultural e política com toda uma rede de resistência negra que se avoluma pelo país. A lei que trata da inserção de estudos culturais sobre a questão afro-brasileira nas escolas de ensino médio no país é recente, datando de 2003. Essa legislação tem contribuído para que, nas matrizes curriculares dos cursos de Letras, haja disciplinas sobre a questão negra. Isso colabora também para que haja mais pesquisa orientada para essa temática. Nos cursos de pós-graduação também a temática afrodescendente tem sido recorrente.

A resistência negra sempre existiu e é bastante bem documentada por historiadores nacionais, especialmente a partir da década de oitenta do século XX, quando a historiografia passa por uma nova perspectiva em que a resistência e não a submissão é a pauta dos registros históricos. A historiografia baiana (a exemplo citemos Katia de Queirós Mattoso (1999) e posteriormente a unicampista Robert W. Slenes (2011)) foi a responsável por uma nova dimensão na história da resistência negra uma vez que destaca a agência dos escravos e escravas nos processos cotidianos de suas vidas no eito e nas casas. Com essa nova historiografia, vemos surgir, a partir de vasta documentação primária, envolvendo registros de cartórios (nascimentos, casamentos, cartas de alforria, testamentos); policiais (prisões, suicídios, assassinatos), religiosos (casamentos e batizados) e relatos de imprensa (escravos para venda, aluguel, procurados por fuga), uma resistência negra bastante presente e ininterrupta. Os afrodescendentes sempre se organizaram a fim de resistir ao cativeiro, utilizando-se de várias estratégias de sobrevivência e negociação. Nessa historiografia, o homem e a mulher afrodescendentes e escravizados ou alforriados surgem no cenário nacional enquanto sujeitos de oposição ao cativeiro. Essa nova perspectiva mantém uma ligação cultural e política com toda uma rede de resistência negra que se avoluma pelo país. Até, então, a historiografia, sobretudo na década de setenta, majoritariamente, enfatizava o escravo *res*, ou seja, submetido, vitimizado e submisso. Na década de 70, historiadores sobretudo vinculados à USP, a partir de lentes econômicas, elaboraram discursos sobre a escravidão em que mormente o escravo é retratado como coisa, reificado e submetido ao sistema econômico escravista. Esse escravo aparece, não raras vezes, nessa historiografia, como objetificado subjetivamente, sem fala e poder de negociação. Nas Letras, somente no período de 2000 para cá, surgem pesquisas sobre a cultura e literatura negras de modo mais substantivo. A fortuna crítica em torno de Firmina pode ser contextualizada nesse cenário. O espaço desse artigo não permite trazer o estado da arte sobre a autora até o presente momento, mas isso pode ser verificado facilmente em bancos de dados virtuais. Empreendemos essa pesquisa que será publicada em texto de maior extensão o que não é o foco deste artigo. Assim, neste artigo, pretendemos apreciar a obra romanesca de Firmina, adentrando esse contexto de estudos afro-brasileiros que tem se intensificado no cenário nacional e também em nossas Letras, objetivando com isso, contribuir para esse universo visto que toda pesquisa precisa ser justificada do ponto de vista político. Essa investigação pretende pensar e repensar parte de nossa história nacional a partir das resistências dos mais marginalizados.

RESUMO INTERPRETATIVO DA OBRA ÚRSULA

O romance trata de uma trágica história, ocorrida em localidade não especificada, sendo definida apenas como a “mais rica das províncias do Norte” (REIS, 1859, p. 10). Os personagens que compõem a obra são: Úrsula, protagonista que dá nome ao livro; Tancredo, bacharel em direito; Luíza B, mãe de Úrsula e enferma; Túlio, escravo doméstico, bondoso e fiel amigo do casal (Úrsula e Tancredo); Suzana e Antero, escravos domésticos e leais; Comendador Fernando, irmão de Luíza B, antagonista; Adelaide, o primeiro amor de Tancredo antes de Úrsula; Paulo B, marido falecido de Luíza B e pai de Úrsula; Comendador P, pai de Tancredo; mãe de Tancredo.

O enredo se inicia nas estradas da “mais rica das províncias do Norte”, onde o personagem Tancredo, em meio à cavalgada sofre um acidente em que o cavalo cai sobre o seu corpo, deixando-o gravemente ferido. Túlio, o escravo que cavalgava por este caminho, avista a tenebrosa cena e se aproxima para averiguar a situação do cavaleiro.

Túlio leva Tancredo para a fazenda da senhora e viúva Luíza B, que mora junto com a sua filha Úrsula, que aceitam cuidar do rapaz ferido. Durante a recuperação de Tancredo, Túlio se torna seu amigo íntimo.

No decorrer da recuperação de Tancredo, este enfrenta os delírios de enfermo e revela seu amor a uma mulher chamada Adelaide. No entanto, Adelaide havia ficado em seu passado, e agora sua afeição estava dirigida a jovem Úrsula, para a qual conta sua história. Relata que estudou Direito durante seis anos na cidade de São Paulo e após isso, retornou a sua terra natal, onde conheceu Adelaide, uma órfã e parente de sua mãe. Seu pai, Comendador P, desaprova o casamento entre os jovens, mas dá a Tancredo uma condição: se ele fosse exercer sua profissão longe de casa, lhe daria a permissão de casar-se com Adelaide.

No entanto, quando o rapaz retorna ao seu lar, depara-se com uma carta deixada por sua mãe, quando a mesma se encontrava à beira da morte, a qual revelava que seu pai se casara com Adelaide. A ira de Tancredo aflora e procura Adelaide, indagando sobre este acontecimento e tem a interferência de seu pai que exige respeito do filho à sua nova esposa. Tomado pela raiva, Tancredo amaldiçoa a situação e evade-se da casa paterna.

Trazendo à tona as lembranças do passado, a viúva Luíza B conta a sua história a Tancredo, relatando a sua enfermidade decorrente da paralisia, o amor pela sua única filha, Úrsula, seu amor matrimonial pelo marido falecido, Paulo B, e o ódio que seu irmão Comendador Fernando alimentou por ela, por conta do casamento que ele não aprovara. Seu marido fora brutalmente assassinado e a justiça negligenciou o fato. Nessa conversa, Tancredo descobre que Fernando possui uma fazenda na localidade de Santa Cruz, a meia légua das propriedades da viúva.

Apesar de toda a exposição de histórias, Tancredo só revela seu nome tardiamente, fazendo com que Luíza reconheça-o como seu primo. Essa condição, no entanto, não inviabiliza a sua relação afetiva com Úrsula.

Tancredo parte em viagem, acompanhado de Túlio. Úrsula, sentindo a falta do amado, resolve passear pela mata quando escuta um disparo e se depara com uma perdiz morta por um caçador. A moça lamenta a morte do animal e conversa com o homem que tirara a vida da ave. O caçador encanta-se com a jovem e

declara sua afeição por Úrsula, que se assusta e retorna a sua casa. Mais tarde, Ihe é revelado que o homem na mata é seu tio Fernando, o comendador, irmão de Luiza. Este se apaixona pela sobrinha e a pede em casamento. Posteriormente, Úrsula é chamada pela escrava Suzana, empregada na casa e mãe adotiva de Túlio, e Ihe é revelado que Luiza se encontra para morrer. Revela-se aí que Fernando foi o responsável por matar o pai de Úrsula.

O desespero toma conta de Úrsula, que nega o possível casamento com o terrível assassino de seu pai, seu tio Fernando, sabendo que o homem planeja legitimar o matrimônio acompanhado de um padre. Nesse intervalo, Luiza vem a falecer, deixando sua filha desamparada. Enfim, Tancredo retorna de sua viagem e reconforta sua amada, e a mesma revela todos os fatos acontecidos desde a sua partida. Vendo-se desesperado por conta de todas as histórias cruéis contadas por Túlio e Suzana, referentes ao comendador Fernando, Tancredo leva Úrsula até um convento, a fim de mantê-la protegida e se casam em segredo.

Inflamado de raiva, o comendador Fernando tortura os escravos Suzana e Túlio para que revelem o paradeiro de Úrsula e esse fato Ihe é negado de prontidão. Então, o comendador sai em perseguição do casal e Túlio, muito machucado, tenta informar Tancredo sobre a situação, no entanto, Fernando tira a vida do escravo antes que ele consiga concretizar a sua missão. Desesperado ao ver a morte do amigo, Tancredo se confronta com Fernando e também perde sua vida, para o desgosto e sofrimento de Úrsula, que lamenta o falecimento do marido.

Por conseguinte, a obra não apresenta um final feliz, uma vez que a protagonista enlouquece com a perda da mãe e do marido. O comendador Fernando, o antagonista da história, suicida-se após internar-se em um mosteiro a fim de espiar o seu crime.

O romance, embora destaque o amor impossível entre o herói e a heroína e as várias peripécias que enfrentam para consolidar a sua união, formalizando-se, em parte, enquanto uma narrativa de amor romântico impossível visto que não há final feliz, oferece também um vívido registro de relações sociais e afetivas entre escravos e senhores. O escravo doméstico, sobretudo, recebe tratamento literário, comparecendo com sua voz e agência social, refletindo sobre sua lida cotidiana em meio a ambientes hostis. Desse modo, podemos entender a literatura como importante documento de época em que as personagens representam vozes sociais concretas e históricas que nos contam um pouco de suas vidas no cativeiro e como resistem para aí sobreviver. Nas próximas seções, analisaremos mais amiúde essa articulação da literatura ao contexto, destacando as personagens afro-brasileiras presentes da obra.

A LITERATURA E A IDEOLOGIA DO COTIDIANO: A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICO-AXIOLÓGICA

A investigação da obra *Úrsula* se ampara na perspectiva bakhtiniana e do Círculo russo, sobretudo, na ênfase que a obra teórica do pensador russo destina ao discurso literário romanesco. Para Bakhtin (1997), as personagens representam vozes sociais que o escritor formaliza esteticamente. Entretanto essas vozes devem se referir a uma consciência particularizada e que entra em dialogia com outra consciência. Na obra em tela, percebemos essas vozes sociais sobre o

cativeiro, sobre a África, sobre o racismo, sobre o patriarcalismo, mas cada voz é dada por intermédio de uma personagem que a emite, reduplicando-a e reforçando-a. Outra questão basilar para Bakhtin (1997) é sobre a articulação da literatura ao seu tempo e espaço, enfatizando a importância do cronotopo do discurso literário. A obra estética é entendida enquanto um discurso que responde a uma época a partir de uma certa posição axiológica do autor. Firmina trata de responder a questões de seu tempo. Foi a primeira romancista a mobilizar a vida em cativeiro para o interior do romance, formalizando esteticamente tal situação econômica e cultural de nosso país imperial. Na época da publicação do romance, havia acirrada discussão em torno da escravidão. Lembremos que em 1850, ocorre a proibição do tráfico internacional de escravos. O Brasil adere por pressão britânica, mas continua a escravidão interna. As polêmicas em torno da questão se encontram nos jornais e revistas da época, na tribuna parlamentar e no cotidiano de homens e mulheres escravizados e livres. A romancista Firmina não é alheia a essa realidade discursiva. Percebe as vozes sociais de seres concretos e as traz para dentro de sua obra a fim de compor uma dada narrativa em que essas personagens possam interagir entre si, concretizando suas vidas afetivas, sociais e laborais e no cativeiro. Nas palavras de Bakhtin (1997, p. 375) “Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia”. Firmina responde ao seu tempo por intermédio da estetização de falas cotidianas reais de seu tempo e lugar. O literato, tal qual o historiador ou jornalista responde ao seu tempo, mas com certa especificidade em relação ao objeto. Os romancistas, especialmente, observam a vida concreta em que vige a ideologia do cotidiano, ou seja, o real do dia a dia dos encontros e desencontros humanos e o formalizam por intermediação do discurso literário. Homens e mulheres são surpreendidos em suas manifestações cotidianas, migrando para o interior do texto literário, com suas falas, ações, desejos e infortúnios. Ao romancista interessa esse homem concreto e singular que pode tipificar uma classe, um estamento, um grupo social, generalizando-se. Entretanto, o romancista aposta nessa perspectiva singular dada em uma situação específica. Já o discurso sociológico, econômico e do historiador, por exemplo, destaca o genérico, ou seja, a classe, o grupo, a casta, o clã, não se preocupando em particularizar uma dada situação. Não cria e recria personagens históricas, mobilizando-as em certos enredos específicos de seus cotidianos e vidas privadas para tratar da história nacional. Já, a literatura, sobretudo a de maior referencialidade histórica, objetiva tratar de relevantes temas sociais a partir de personagens mobilizadas em enredos que possibilitem uma reflexão e discussão sobre tais temas. A obra do teórico russo sobre o discurso literário, na realidade, parte de uma dimensão materialista em que, primeiramente Bakhtin (1997) observa o homem histórico e sua fala e ação em sociedade e, depois, teoriza como esse homem é formalizado no discurso literário. A perspectiva de Bakhtin (1997) é sempre do real ao discurso. O conceito de ideologia do cotidiano pode assim ser entendido como matéria prima para a literatura, pois é desse cenário concreto do dia a dia de homens e mulheres que o romancista parte. Há uma intensa dialogia entre a ideologia do cotidiano e a literatura visto que esta se nutre daquela e é no meio social que as obras são criadas, lidas, comentadas, criticadas e respondem a esse meio e suas questões candentes. Nas palavras de Bakhtin e Valentin Volochinov (1986, p. 119), temos: “Os sistemas constituídos da moral social, da ciência, da arte (...) cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por

sua vez sobre esta, (...) uma forte influência”. Firmina retira da ideologia do cotidiano vozes que se instituem na escravidão e também em resistência a ela e as transplanta para suas personagens cujos diálogos se manifestam mormente contrários ao cativo.

O CONTEXTO NARRATIVO E A RELAÇÃO COM AS VOZES REPORTADAS: AS PERSONAGENS TULIO, TANCREDO E PRETA SUZANA

A obra de Bakhtin e Volochinov (1986) trata, entre outros temas da questão da sintaxe do discurso reportado, sobretudo na terceira parte da obra referida. Objetivando entender como a literatura retrata as relações entre o discurso citante e o discurso citado, os estudiosos russos percebem o objeto estético em interação dinâmica com as enunciações reais na ideologia do cotidiano³. Partem da realidade das falas sociais e as estudam em sua transposição para a ficção. Como o narrador veicula as falas das personagens? Com proximidade, com distanciamento, com ironia? O romance se distingue tanto da poesia quanto do drama por apresentar a figura do narrador sem o qual não é possível haver o discurso romanesco. Obviamente que há exceções. Por exemplo, Williams, dramaturgo americano, em sua obra intitulada *The Glass Menagerie* apresenta um drama, mantendo a figura do narrador, expediente raro para o âmbito teatral. O contista Dalton Trevisan⁴ quase elimina o narrador de suas narrativas. Porém as exceções não são a regra. As falas das personagens, no caso do romance, são dadas por intermédio do contexto narrativo que as apresenta mediante os expedientes do Discurso Direto; Indireto Livre e Indireto, majoritariamente⁵. A distância ou a proximidade entre o narrador e a personagem também é motivo de análise pelos teóricos russos. O romance é sempre um discurso indireto, pois representa a fala de outro ou de outros. É a palavra reportada. É sempre um discurso indireto à medida que o contexto do narrador ou narradores enquadra a fala do(s) outro(s), construindo uma imagem para essa fala. O enquadramento formal da fala do outro no contexto narrativo é um dos temas mais importantes para Bakhtin e Volochinov e se acha investigado em detalhes e pormenor, sobretudo nas obras da década de 20, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1986), terceira parte, últimos três capítulos, e em Bakhtin (1981), na obra, *Problemas da poética de Dostoiévski*, (1929/1981), centrado na análise da obra dostoiévskiana. No romance em tela, *Úrsula*, temos um narrador, em terceira pessoa, fazendo uso de discurso indireto para reportar a fala das personagens. Ele narra os fatos já acontecidos, demonstrando bastante proximidade afetiva (uso de epítetos que geram aproximação como nobre, bondoso, caridoso, honesto etc) com as personagens de origem africana, sendo onisciente à medida que sabe praticamente tudo que se passa na consciência das personagens. As personagens emitem suas vozes, revelando suas opiniões, anseios, desejos e visão de mundo. Fazem uma reflexão sobre sua condição de cativos em várias passagens da obra, articulando a sua voz sempre a uma situação narrativa apropriada e em diálogo. Desse modo, a fala não se institui no vazio como se fosse estranha à situação. Há certa organicidade entre a situação narrativa e o discurso. No entanto, o narrador comparece com sua fala em quase todas as situações narrativas, interferindo na narrativa e congelando a ação. São interferências discursivas longas, tendo o leitor como interlocutor direto. A temática é sempre a mesma, ou seja, irrompe em sua fala uma reflexão sobre as injustiças do cativo do africano. Nesse sentido, observamos que as personagens por si sós não detêm a capacidade plena de falar sobre as injustiças que sofrem. O

narrador reforça a todo momento a questão da escravidão, denunciando-a e criticando-a como se as personagens não fossem capazes de chegar a uma reflexão mais apurada. Falta à narrativa, falas melhor elaboradas das personagens afrodescendentes e africanas. O narrador as complementa a todo instante, interrompendo a narrativa em uma espécie de discurso de tribuna, tutelando as personagens e delas se servindo para expor o seu libelo abolicionista. Essa foi a forma composicional que Firmina encontrou para elaborar discursivamente uma reflexão sobre a escravidão, ou seja, sua visão arquitetônica. Se na época de Firmina, a autora pudesse exercer a tribuna parlamentar, com certeza, teria tratado do tema, mas naquele período de impedimento de as mulheres exercerem cargos de representação política, a autora encontrou uma forma de escrever sobre a escravidão, utilizando-se do romance. Porém, vemos esse descompasso narrativo uma vez que prepondera a voz do contexto narrativo sobre a voz das personagens. O narrador parece ser uma espécie de consciência moral e ética que se manifesta, professando uma ideia, que é reforçada em vários momentos da obra. Longe estamos de personagens ideólogos que dialogam entre si sobre uma certa temática, sustentando o debate, sem a tutela do narrador. Todavia, dentro do contexto romântico de escritura do século XIX, esse expediente era bastante comum. O autor professava, por intermédio de seu narrador, certa visão de mundo. A narrativa servia para sustentar as ideias do narrador.

Entretanto, isso não impede totalmente que as personagens sejam portadoras de vozes específicas e críveis. Tulio e a preta Suzana demonstram capacidade de discursar sobre sua condição escrava. Na passagem seguinte, o narrador apresenta Tulio, realçando seu caráter. Tulio encontra Tancredo (o herói) ferido e apressa-se por ajudá-lo. O narrador demonstra a boa vontade de Tulio a partir de sua ação. Entretanto, tem que complementar a ação com a sua voz narrativa, afirmando que Tulio é nobre. O narrador parece superior ao personagem. Embora o dote de voz, precisa ampliar essa enunciação a fim de deixar bem clara a situação de injustiça em que se encontra o escravo. A ação não dá conta de explicitar as agruras pelas quais o personagem passa. A voz do contexto narrativo explicita essa injustiça, vendo-a a partir de um excedente de visão e complementando-a:

— Que ventura! – então disse ele, erguendo as mãos ao céu – que ventura, podê-lo salvar! O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde – dissemos – se revoltava, porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!...(REIS, 2018, p. 18)⁶

Na sequência, quando ocorre a primeira aparição da personagem e de seu primeiro ato nobre, o narrador como já afirmamos, interfere na narrativa, parando a ação para emitir a sua crítica à escravidão. Esse padrão se repete em várias situações narrativas no decorrer da trama, explicitando a visão de mundo do autor contrária à escravidão:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão? (REIS, 2018, p. 18)

A situação narrativa gera uma amizade profunda entre Tancredo e Túlio. Essa amizade, no entanto, é quase imediata, pois não é desenvolvida pela autora, carecendo de sustentação. Ambos se tornam amigos e confidentes de modo aligeirado. A autora parece que teve pressa de uni-los. A narrativa não é bem urdida no sentido de construir solidez nas relações sociais das personagens. O romance apresenta construção formal muito simplória. O que avulta na narrativa é o intuito bastante claro de ser um enunciado crítico contra a escravidão. A narrativa serve ao propósito de propagação de ideias abolicionistas. A ação fica como que a reboque do discurso sobre a questão africana. Esse desequilíbrio pode ser observado em todo o romance. A importância do romance, no entanto, é de caráter sociológico e histórico à medida que é nossa primeira obra feminina abolicionista. Naquele momento da formação inicial do romance no Brasil seria impossível se encontrar formas já maduras e complexas de narração em que tivéssemos personagens ideólogos com autonomia em relação ao narrador e que suas falas se vinculassem organicamente à sua ação e existência material e intelectual. No excerto, temos Túlio a discursar sobre sua condição identitária. O personagem cativo assim se auto descreve em diálogo com Tancredo, o herói. Vamos à citação:

— A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte, que... — Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim – prosseguiu – tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o seu sofrer, e eles que o não compreendem! Mas, Túlio, espera; porque Deus não desdenha aquele que ama ao seu próximo... E eu te auguro um melhor futuro. E te dedicaste por mim! Oh! Quanto me hás penhorado! Se eu te pudera compensar generosamente... Túlio – acrescentou após breve pausa – oh dize, dize, meu amigo, o que de mim exigis; porque toda a recompensa será mesquinha para tamanho serviço. (REIS, 2018, p. 68)

Na passagem, observamos que a personagem Tancredo assume uma voz parecida com a do narrador. O discurso longo e professoral paralisa a ação. O herói, mesmo ferido quase fatalmente, apresenta forças suficientes para discursar longamente. Novamente, observamos um desequilíbrio entre ação e narração. O intuito do romance de ser um libelo contra a escravidão causa esse desequilíbrio na narrativa. Todavia, é importante ressaltar que, na sociedade oitocentista brasileira, a ficção foi veículo importante de disseminação de ideias. Não havia

ainda um campo de estudos sociais e filosóficos consubstanciado. A ficção era tanto entretenimento quanto mídia de propagação de ideias. Nesse sentido, o romance de Firmina tem uma função social bem delimitada e orgânica à sociedade da época, servindo de libelo contra a escravidão. Percebemos uma aproximação ideológica entre o narrador e o personagem Tancredo. Ambos são contrários à escravidão.

A personagem preta Suzana é melhor elaborada, tendo uma narrativa de vida mais rica e por conseguinte um discurso melhor construído. É africana de nascença, sendo transportada pelo tráfico internacional para o Brasil quando já era adulta. Na África teve família, filhos, propriedade, mas foi vendida, apartando-se de sua família original. A mãe de Túlio falece e ela passa a ser sua segunda mãe. Muitos são os historiadores que se debruçaram no estudo da família escrava. A família funcionava como amparo e proteção em meio inóspito. Havia toda uma rede de solidariedade que foi se formando, unindo os escravos. Slenes (2011) reporta essa questão com dados primários mediante documentos religiosos de casamento e de cartório de nascimentos relativos à família escrava. Na narrativa, encontramos essa rede solidária na relação entre Tulio, sua mãe e a escrava Suzana. A escrava entra na narrativa com sua voz, podendo narrar sua vida pregressa em África. No decorrer da trama é morta pelo antagonista, Comendador Fernando que a suplicia até a morte para saber o paradeiro da heroína. Temos a apresentação de Suzana:

Suzana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. Túlio estava ante ela com os braços cruzados sobre o peito. Em seu semblante transparecia um quê de dor mal reprimida, que denunciava o seu profundo pesar. A velha deixou o fuso em que fiava, ergueu-se sem olhá-lo, tomou o cachimbo, encheu-o de tabaco, acendeu-o, tirou dele algumas baforadas de fumo, e de novo sentou-se: mas dessa vez não pegou no fuso. Fitou então os olhos em Túlio, e disse-lhe: — Onde vais, Túlio? (REIS, 2018, p. 68)

Na sequência, a personagem preta Suzana narra a Túlio sua desdita vinda ao Brasil pelo tráfico internacional de escravos. Aqui também a ação é interrompida e uma longa fala narra a vida de Suzana que pode ser generalizada para muitos dos cativos. A personagem conta sobre sua infância, descreve a aldeia em que nasceu. Seu primeiro amor, casamento, filhos e sua lide laboral em terras africanas. Também conta como foi sequestrada e sua vinda nos navios negreiros. Nesse sentido, o romance é pioneiro ao apresentar uma fala tão contundente sobre a escravidão, partindo de uma personagem africana, mulher, sobrevivente do cativeiro. Firmina trata da escravidão, dando voz ao cativo. Obviamente que a autora pesquisou muito em relatos e discursos históricos para construir a fala que segue, fazendo jus ao reconhecimento da obra *Úrsula* como nosso primeiro romance abolicionista. A fala é longa. Citaremos parte dela:

Vou contar-te o meu cativeiro. Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma

manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la... Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!... Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos escaldou e veio dar a morte aos cabeças do motim. A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. Não sei ainda como resisti – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam. O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2018, p. 68-69)

A passagem é apenas um excerto de sua longa fala e nela podemos perceber uma preocupação didática de descrever um dado momento histórico econômico do tráfico internacional de escravos da África para o Brasil. De modo bem didático,

a autora para a ação e faz um longo discurso, contando a vida pregressa da escrava, a agricultura nas terras natais, o tráfico internacional de escravos, as condições subumanas de transporte, a severidade em relação aos motins, as mortes por má alimentação, os suicídios dos negros com forma de libertação, como se a voz autoral tivesse tomado a narração para veicular suas ideias. A personagem tem uma voz professoral cujo intuito é informar e, nessa informação, a autora passa a sua visão de mundo contra a escravidão. Percebemos a paralisia da ação e a entrada do discurso de tribuna. É a maneira que Firmina encontra para dar vazão a uma certa posição axiológica sobre a escravidão. Aqui o narrador não precisa complementar a fala, introduzindo comentários. Há uma convergência ideológica entre a personagem e o narrador. Utiliza-se da própria personagem cuja fala entra em sintonia com a sua. Percebe-se que o juízo de valor de Suzana é o mesmo que localizamos na fala do contexto narrativo do excerto anterior, ou seja, critica-se o cativo. O narrador não é superior à personagem. Suzana é dotada de uma enunciação crítica, mesmo que haja paralisia da ação e essa voz soe muito didática e professoral. Em sua enunciação percebe-se a situação particularizada, mas também se alcança a generalização da vida escrava, ilustrando o leitor sobre a questão do cativo. O propósito de base do romance é a crítica à escravidão e a ação narrativa apenas colabora para que surjam os discursos contrários ao cativo, inclusive, pode-se notar que as falas são veiculadas em uma linguagem bastante uniforme. Todas as vozes são proferidas em segunda pessoa do plural, concretizando-se por vocábulos cultos e assemelham-se pelo tom condenatório ao cativo. A composição formal e a temática das vozes de Tancredo, Suzana e Tulio são as mesmas do narrador. Não existe uma individualidade de cada personagem que se institua em uma forma específica de falar. Todos enunciam uma fala parecida, reduplicando-se. Ocorre uma espécie de “literaturização” das falas uma vez que se assemelham formalmente em termos de uso de vocabulário culto e sintaxe parecida. Por questão de espaço não nos alongaremos na análise das falas. Todavia, acreditamos que explicitamos a diretriz básica da formalização do romance em tela, ou seja, há uma ideia central que colore as falas trazidas para a narrativa. Essa ideia se consubstancia na crítica ao cativo africano no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Úrsula* de que tratamos é obra importante no tocante à autoria feminina em contexto patriarcal em meados do século XIX. Foi lido e publicado em sua época, mas não alcançou a devida publicidade em âmbito nacional, restringindo-se ao cenário local. Embora Sacramento Blake a tenha introduzido em sua obra magistral sobre a Literatura Brasileira, a obra não atingiu notoriedade até a década de sessenta do século XX, descoberta pelo estudioso maranhense Moraes Filho (1975). A importância do romance está também na sua temática visto que é o primeiro romance no século XIX, de autoria feminina, a criticar abertamente a escravidão africana em plena vigência desse sistema econômico. A composição do romance é bastante simples no que concerne à elaboração das personagens. As vozes que surgem das situações narrativas se descolam da ação e se veiculam como falas didáticas e professorais cujo intuito é a crítica ao cativo. Todas se assemelham em temática e forma, reduplicando-se. O contexto narrativo lhes dá certa autonomia desde que sirvam ao propósito de reforçar tal crítica. O romance é bastante simplificado à medida que essas vozes são praticamente homogêneas, não se concretizando como falas específicas e inerentes a cada personagem.

Todavia, o romance deve ser apreciado como um discurso crítico que se utiliza do gênero romanesco para atingir certa posição axiológica contra a escravidão. Essa função social em meio ao contexto escravista e escravocrata não pode ser menosprezada. A autora, observando a realidade, escutando as vozes de seu tempo, ou seja, a ideologia do cotidiano, traz para o interior do romance, mesmo que de forma simples, a questão da escravidão, brindando o leitor com um texto crítico e de resistência. A leitura do romance em tela se faz necessária em tempos presentes em que ainda persiste o racismo no Brasil. A introdução deve conter a motivação para a pesquisa, o objetivo e a metodologia aplicada na realização da pesquisa.

The importance of the novel *Ursula* by Maria Firmina dos Reis: a political report against African slavery

ABSTRACT

This paper analyses the novel *Ursula*, by an afro-Brazilian writer from the nineteenth century which portrays the domestic life of human being came from Africa in slavery conditions in the state of Maranhão, north of Brazil. The study is based com Bakhtin and the Russian Circle ideas and focus on the voices of the characters and how they are conveyed by the narrator context. The voices debate the ideas presented in the historical scenario in which freedom and slavery were the main themes. The majority of voices are very homogeneous, presenting similar vocabulary, syntax structure and an axiological position against slavery. The novel functions to convey the ideas of the writer whose political and ethical position predominates over the characters. The main importance of the novel remains in its position against slavery, being a strong voice in that society. Reading this novel is important because it reveals some part of our past and it contributes to criticize the nowadays Brazilian society where racism is being reinforced.

KEYWORDS: Brazilian Literature; Afro-Brazilian Culture; Maria Firmina dos Reis.

La importancia de la novela *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis: un informe político contra la esclavitud africana

RESUMEN

En este artículo, buscamos presentar algunas reflexiones acerca de la obra *Úrsula*, por autora femenina negra, del siglo XIX, Maria Firmina dos Reis. Su carrera literaria solo fue reconocida en el siglo XX. La obra es la primera novela abolicionista en Brasil. Para sustentar este estudio, nos apropiamos de los conceptos del análisis del discurso dialogico (Bakhtin y del Circulo ruso), intentando leer la obra em el aspecto formal y contenido. La obra es documento histórico importante sobre la esclavitud africana en Brasil. Firmina retrata a todos los personajes con la intención de discutir cómo los prejuicios raciales son obstáculos para constituir una sociedad mas justa. Hecho esto, constatamos, desde la experiencia de los personajes negros y esclavos y desde las respectivas voces que la novela es requerida todavía hoy para el reconocimiento del trabajo de las escritoras negras y para deconstruir los discursos en torno a la raza en nuestra sociedad.

PALABRAS CLAVE: Literatura Brasileña. Cultura afro-brasileña. Maria Firmina dos Reis.

NOTAS

¹Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (Salvador, 1827 — Rio de Janeiro, 1903). Firmina consta como autora da obra *Úrsula* no *O Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, considerado obra-prima de Blake, compilado, em edição condensada em 3 volumes, publicado pela Imprensa Nacional, tendo sido reimpresso em 1970, no Rio de Janeiro, pelo Conselho Federal de Cultura.

²É já consenso que os movimentos civis de resistência negra têm se fortificado do ano de 2000 para cá. No Brasil, por exemplo, a luta da população negra gira em torno do reconhecimento do racismo como crime, da dívida histórica dos mais de 300 anos de escravidão e da igualdade de oportunidades e inclusão social. Algumas conquistas importantes comprovam esse fortalecimento. Criação do Dia da Consciência Negra (20 de novembro); Lei 10.639/2013, que inclui a comemoração do Dia da Consciência Negra no calendário escolar, trazendo a discussão da história e da cultura afro-brasileiras, além da valorização dos africanos e afro-brasileiros nos currículos escolares da rede pública de ensino; Lei 12.711/2012, que criou as cotas para ingresso em cursos superiores, aos poucos difundidas nas maiores universidades do país, sejam elas federais, estaduais ou até mesmo privadas; criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em março de 2013. Diversas ações afirmativas de combate à discriminação racial por meio de transformações culturais e políticas de representatividade. É no bojo deste contexto de crescente resistência que esta pesquisa se insere.

³A obra do Círculo russo se insere na tradição do pensamento marxista e, nesse sentido, a linguagem é percebida nas relações concretas de enunciação entre falantes que se posicionam axiologicamente em relação ao mundo, revelando as contradições sociais de ordem material e imaterial. Nesse bojo, a literatura é estudada como um discurso que parte do real para o imaginário e para aquele retorna, em forma de leitura, influenciando ou alterando a realidade. O discurso literário abriga vozes reais, formalizadas esteticamente.

⁴A obra do escritor paraense Dalton Trevisan apresenta em boa parte das narrativas, uma prosa em que ocorre a linguagem dialogal entre as personagens, formalizando-se como um espetáculo teatral em que o narrador está ausente. Desse modo, não procederemos à referência detalhada da obra do contista uma vez que essa estratégia forma-ideológica é fundante de sua poética, não se restringindo a uma obra em particular.

⁵Bakhtin; Volochinov (1986, p. 143) enfatizam a necessidade de estudar a dimensão sintática partir de um viés sociológico, afastando-se do meramente formal e lógico. O romance é tratado de forma privilegiada à medida que aí o discurso do narrador mantém relações sintáticas de proximidade ou afastamento em relação ao discurso do outro: “Acreditamos que o fenômeno assim altamente produtivo, nodal mesmo, é o do discurso citado, isto é os esquemas linguísticos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações que encontramos na língua, e que servem para a transmissão das enunciações de outrem, num contexto monológico coerente”.

⁶Todas as citações desta obra se referem a esta edição: REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br>. Acesso em 20 out. 2018.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentín. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Unesp/ Hucitec, 2009.
- MORAES FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luiz: Comissão organizadora das comemorações de sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975.
- MATTOSO, Katia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.
- REIS, Francisco Sotero dos. **Curso de literatura portuguesa e brasileira**. t. 1. São Luís: Typografia Belarmino de Matos, 1866.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Disponível em: <https://www.mariafirmina.org.br/categoria/obras/ursula/> Acesso em 20 out. 2018.
- ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**. São Luís, v. 4, n. especial – dossiê temático, p. 8-17, 2018.

Recebido: 11/08/2019.

Aprovado: 28/10/2019.

DOI: 10.3895/cgt.v13n41.10503.

Como citar: FANINI, Angela Maria Rubel, PASSOS, João Carlos dos. A importância da obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis: um libelo contra a escravidão em forma de romance. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 285-301, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Angela Maria Rubel Fanini
Avenida Sete de Setembro, 3165, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

